

Fleury ameaça parar Estado por falta de verba

Wilson Pedrosa/AE—26/5/93



Fleury

“O que importa é que haja a rolagem”

Governador diz a Itamar que só rolagem dos débitos evitará paralisação

KÁSSIA CALDEIRA

BRASÍLIA — O governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, ameaça paralisar ainda mais o Estado se não conseguir aumentar a arrecadação. Ele disse pessoalmente ao presidente Itamar Franco que a indefinição da rolagem da dívida é seu principal problema. “Poderemos ser obrigados a cortar ainda mais no Orçamento e isso provocaria, por exemplo, desemprego”, argumentou o governador.

Em todos os encontros e conversas que manteve durante o dia, incluindo uma visita ao Congresso, Fleury repetiu os problemas que São Paulo deverá enfrentar por falta de recursos, caso a rolagem da dívida não seja acertada rapidamente. “A programação de São Paulo contava, por exemplo, com empréstimo do BNDES para as obras do

metrô que estão praticamente concluídas”, lembrou. Segundo ele, o empréstimo depende da rolagem da dívida. “Temos desemprego na área de fabricantes de equipamentos sem o empréstimo”, alertou.

Fleury alegou que não pode comprometer a arrecadação do Estado com o metrô ou outro investimento se não souber qual o percentual de pagamento da dívida terá de repassar à União. “O que importa é que haja a rolagem”, insistiu.

“Mamata” — O governador acusou ainda a “burocracia do governo federal” de estar a serviço dos bancos particulares para impedir a rolagem da dívida, permitindo que eles continuem obtendo milhões de dólares por dia de juros. “Na hora que acabar a dívida dos Estados, esses bancos vão perder a maior mamata”, disse Fleury. Segundo ele, São Paulo

transferiu, nos dois últimos anos, cerca de US\$ 800 milhões para os bancos privados. “Pagamos US\$ 481 milhões da dívida contraída com os bancos e mais US\$ 347 milhões de spread (diferença de taxa por se tratar de títulos estaduais)”, explicou. “Isso é mais do que investimos na educação”.

Fleury disse que o governo federal deve se preocupar mais com a renegociação da dívida e com as altas taxas de juros. “Ou elas acabam com o Brasil”, alertou. “A questão não pode mais ser adiada.” De acordo com o governador, a dívida mobiliária do Estado aumentou, entre dezembro de 1991 e junho de 1993, de US\$ 3,4 bilhões para US\$ 5,4 bilhões. “Parece dívida da casa própria”, comparou. “Você paga e a dívida aumenta.”

■ Colaboraram Antonio Marcello e Sandra Sato